

Reflexões sobre a Distinção entre Amor e Sexualidade na Primeira Tópica Freudiana

ANA LILA LEJARRAGA¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir as noções de amor e sexualidade, na primeira tópica, tentando mostrar os impasses freudianos para distinguir metapsicologicamente essas noções. Considerando que Freud não estabelece um critério teórico suficiente para fazer essa distinção, propomos considerar amor e sexualidade, baseados na terminologia wittgensteniana, como dois jogos de linguagem diversos, articulando essas noções com as tradicionais categorias de sentimento e sensação.

Palavras-chave: Amor; sexualidade; pulsão.

As noções de amor e de sexualidade são amplamente tematizadas na obra freudiana, tanto nos casos clínicos quanto nas descrições da vida amorosa moderna. No entanto, metapsicologicamente, essas noções nem sempre são claramente delimitadas. O objetivo deste artigo é abordar esse percurso freudiano, na primeira tópica, tentando mostrar os impasses para distinguir teoricamente ambas noções. No final do trabalho, considerando o amor e a sexualidade como dois “jogos de linguagem” (cf. Wittgenstein, 1994) diferentes, levantaremos uma hipótese para distinguir esses jogos, lançando mão das tradicionais categorias de sentimento e de sensação.

A primeira referência ao fenômeno amoroso data de 1890 (cf. Freud, “Tratamiento psíquico (tratamiento del alma)”, 1988, I, p. 127)², em que Freud, analisando a credulidade e a obediência do hipnotizado em relação ao hipnotizador, diz que encontramos esses traços na atitude da criança com seus amados pais e em algumas relações amorosas. A obediência crédula e a estima exclusiva, próprias da hipnose, são também características do amor. Salvo essa referência inicial, o amor será considerado até 1905 como uma noção idêntica à sexualidade, podendo ser substituídos, de forma equivalente, os termos amor, sexualidade e excitação sexual.

Nos *Estudios sobre a histeria*, tanto no caso de Lucy R. (a governanta que padecia de rinite), quanto no de Elizabeth von R. (a moça que sofria de dores nas pernas, cujo pai e irmã tinham morrido), nos deparamos com histórias de amores proibidos. Lucy R. nutria uma paixão não correspondida pelo patrão e Elizabeth von R. estava apaixonada pelo marido da falecida irmã. Essas aspirações amorosas despertam afetos penosos porque constituem representações incompatíveis com o eu moral. Ambas, Lucy e Elizabeth, tentam expulsar esses pensamentos da consciência, surgindo, no processo de defesa, os sintomas histéricos. Essas representações, que formam um grupo de idéias separadas, são descritas no relato clínico pelas expressões “sabia que amava o diretor” (Freud, “Historiales clínicos” in: *Estudios sobre la histeria*, II, p. 134), “estava apaixonada pelo cunhado” (idem, p. 171), ou seja, em termos de sentimentos de amor e apaixonamento. Quando Freud teoriza sobre a histeria, descreve esses sentimentos como eróticos:

“Mais uma vez, foi um círculo de representações de natureza erótica que entrou em conflito com todas as suas representações morais, pois suas inclinações centralizaram-se no cunhado e, tanto durante a vida da irmã como depois de sua morte, a representação de ser atraída precisamente por esse homem lhe era totalmente inaceitável” (Freud, S. “Historiales clínicos” in:

Estudios sobre la histeria, II, p. 178).

Tomando como exemplo os casos mencionados, Freud vai dizer em *As neuropsicoses de defesa* que essas “representações inconciliáveis nascem principalmente no campo da experiência e das sensações sexuais” (Freud, “Las neuropsicosis de defensa”, III, p. 49).

Clinicamente, Freud se refere à vida amorosa, mas quando constrói o edifício teórico, os sentimentos amorosos são traduzidos automaticamente por representações eróticas ou por moções sexuais. Não era interesse de Freud nesses textos analisar o fenômeno amoroso, mas construir uma teoria da histeria, cuja etiologia é sempre sexual. O foco de atenção se voltava, na época, para a noção de trauma, de defesa, de mecanismos de formação de sintomas e para a origem sexual e infantil dos sintomas neuróticos.

No desenvolvimento da parte teórica dos *Estudios sobre a histeria*, cabe a Breuer definir o apaixonamento como um “afeto sexual” (Breuer, “Parte teórica” in *Estudios sobre la histeria*, II, p. 211), ou uma representação afetiva resultante da excitação das pulsões³ sexuais:

“Essa representação [a representação singular de uma pessoa individual quando ocorre o fenômeno de apaixonar-se] absorve toda a quantidade de excitação liberada pela pulsão sexual. Torna-se uma ‘representação afetiva’, isto é, quando está ativamente presente na consciência estimula o acréscimo de excitação que de fato se originou de outra fonte, a saber, as glândulas sexuais” (Breuer, “Parte teórica” in *Estudios sobre la histeria*, II, p. 211).

Entendemos que Breuer expressa a visão freudiana do apaixonamento como uma tradução afetiva da excitação sexual, o que permite a substituição das descrições clínicas do amor pelas noções teóricas relativas ao campo da sexualidade. É importante lembrar que a idéia de sexualidade, nesses primórdios da psicanálise, era ainda muito próxima do sexo biológico, como se depreende da definição acima. Por exemplo, Freud considera que, para serem condição etiológica de histeria “é preciso que esses traumas sexuais correspondam à infância precoce (o período de vida anterior à puberdade) e seu conteúdo deve consistir numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes ao coito)” (Freud, “Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa”, III, p. 164).

Desse modo, as referências ao amor, que permeiam vastamente os relatos clínicos e os sonhos, se apresentam, nos termos da linguagem científica da época, como uma manifestação afetiva imediata da vida sexual orgânica.

Assim, Freud estabelece uma correspondência direta entre o fenômeno amoroso e a sexualidade – considerando o apaixonamento de Elizabeth von R. pelo cunhado, por exemplo, um testemunho do caráter sexual de seus sintomas histéricos.

Não é nosso intuito mostrar a óbvia conexão entre amor e sexualidade, que é inerente ao amor romântico, e que permanece ao longo da obra freudiana, mas enfatizar a equivalência automática, sem mediações, que Freud estabelece entre esses dois campos de fenômenos nos seus primeiros escritos.

Freud inicia o primeiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* estabelecendo uma correspondência entre a teoria popular da pulsão sexual e o mito aristofânico de seres divididos em duas metades que aspiram a se reunir de novo no amor. Contrapõe-se essa teoria popular de um laço íntimo da pulsão e seu objeto com a teoria científica que está sendo construída, que constata a ampla variabilidade de objetos e alvos da pulsão sexual. Freud propõe afrouxar o laço entre pulsão e objeto, considerando que “provavelmente, a pulsão sexual é no começo independente de seu objeto, e também não deve sua gênese aos encantos deste” (Freud, *Tres ensayos de teoria sexual*, VII, p. 134). Os objetos sexuais não são fixos ou dados por algum “instinto” teleologicamente concebido, mas variados e contingentes.

Não pretendemos abordar agora a trilhada noção da indeterminação e contingência do objeto pulsional, mas chamar a atenção para o fato de que a pulsão sexual, desde o começo da formação psíquica – e desde as primeiras teorizações freudianas – parece independe da constituição do objeto, enquanto a noção do “amor”, como insinua a fábula platônica, implicaria necessariamente um objeto.

Considerando os desvios em relação ao alvo sexual, Freud se refere à “supervalorização” do objeto sexual, que não se restringe à superestimação de outras regiões corporais – além dos órgãos genitais – mas se estende ao campo psíquico. A supervalorização, quando ampliada na esfera psíquica, pode levar a uma “cegueira lógica (debilidade de juízo) com respeito aos produtos anímicos e às perfeições do objeto sexual” (idem, p. 137) e também a uma crédula obediência a este, da mesma forma que o hipnotizado desenvolvia uma crédula obediência em relação ao hipnotizador. A superestimação sexual se manifesta, assim, na “credulidade do amor” (ibidem).

A noção de amor, até então equivalente exato da sexualidade, passa a corresponder à supervalorização sexual. O objeto amoroso, assim, deixa de ser idêntico ao objeto sexual, para se tornar um objeto sexual supervalorizado.

Na *Metamorfose da puberdade*, Freud diz que o encontro do objeto na puberdade tende a restabelecer uma relação originária. Fazendo uma espécie de revisão do auto-erotismo infantil, considera que, na primeira satisfação sexual, que ainda estava ligada à nutrição, a pulsão tinha um objeto fora do próprio corpo; o peito materno, tornando-se pulsão auto-erótica só posteriormente. Freud articula essa primeira experiência de satisfação – sugar no seio materno – com a relação amorosa. Vejamos as palavras freudianas:

“Quando a primeira satisfação sexual estava ainda vinculada com a nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do próprio corpo: o seio materno. Somente mais tarde, a pulsão perde esse objeto, bem na época, talvez, em que a criança pode formar a representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dava satisfação. Depois a pulsão sexual se torna, regularmente, auto-erótica, e só após superado o período de latência se restabelece a relação originária. Há, portanto, bons motivos para que o fato de uma criança sugar o seio da mãe se torne paradigmático para toda relação de amor. O encontro de objeto é propriamente um reencontro” (idem, p. 202).

O parágrafo condensa várias idéias, em diferentes níveis, que tentaremos analisar. Antes de tudo, Freud enfatiza uma relação originária com a mãe prévia ao surgimento da sexualidade auto-erótica. Ou seja, a relação com o outro não é um momento posterior a um período auto-erótico não-objetal, mas, pelo contrário, uma condição que funda o desenvolvimento posterior.

Convergem na figura da mãe vários aspectos entrelaçados e superpostos do desenvolvimento libidinal: a satisfação sexual e a satisfação nutritiva, o prazer auto-erótico e a relação com o outro, a pulsão parcial e a representação global da pessoa, a relação de amor e, finalmente, o reencontro do objeto.

Por que sugar no seio materno seria paradigma do amor? Podemos pensar nessa imagem de dois pontos de vista: da perspectiva da doação amorosa da mãe, que exibiria, na cena de amamentar, seu investimento exclusivo no filho, sua devoção materna (cf. Winnicott, 1978), ou da perspectiva do bebê que mama, que obteria um prazer sexual oral, mas também satisfaria sua necessidade e se sentiria cuidado, protegido e amado. Pensamos que Freud se refere mais a essa segunda perspectiva, que não exclui, contudo, a atitude amorosa materna. Porém, qual é o traço próprio do amor que Freud descobre na imagem de sugar no peito da mãe? Podemos supor que se trata da mais plena satisfação da pulsão oral. Mas se pensarmos, por exemplo, em sugar no próprio punho, não poderíamos dizer que é paradigma

da relação amorosa, porque a sexualidade auto-erótica, por si mesma, sem um elemento complementar, impede pensar no fenômeno amoroso. Ou seja, a satisfação erótica infantil (podemos imaginar, por exemplo, uma criança brincando com suas fezes) não seria imagem do amor. Para ser paradigma de amor é indispensável a relação com outra pessoa. Mais do que um modelo de satisfação erótica, o sugar no seio materno seria paradigmático do amor por constituir uma imagem de um ser desvalido que recebe do outro um cuidado amoroso, ou seja, um cuidado que o completaria e o tiraria de seu desamparo. Ou seja, ama-se a mãe que cria, que cuida, que satisfaz as necessidades (ou o pai protetor). O amor, assim descrito, não seria um efeito da satisfação sexual, da excitação e do prazer proporcionado pela zona erógena, mas se apoiaria, da mesma forma que a própria emergência da pulsão sexual, nos cuidados do outro na satisfação da necessidade.

Entendemos que essa imagem do vínculo amoroso não depende tanto⁴ da satisfação da pulsão oral, da zona erógena, mas do cuidado, proteção e segurança que o filho recebe como um todo. Isto implica, por outro lado, a passagem do registro da parcialidade da pulsão sexual para a totalidade da relação amorosa. O encontro de objeto sexual na puberdade, ao qual Freud se refere nesse texto, alude a um objeto concebido como objeto de amor, a uma pessoa total, enquanto o seio materno no qual a pulsão oral encontra sua satisfação é um objeto parcial. Para que a imagem de sugar o seio materno se torne paradigma de uma relação amorosa, a criança tem que ter alguma forma de apreensão ou representação global da pessoa, como assinala Freud. O seio materno não poderia se restringir a ser um objeto parcial, ao prazer de órgão, mas teria que formar parte da relação total do bebê e sua mãe. Se contrapusermos a totalidade amorosa com a parcialidade pulsional, o fato de sugar o peito da mãe não poderia ser paradigma da relação amorosa, mas só da satisfação pulsional. Podemos compatibilizar a parcialidade do seio materno com a totalidade da pessoa na relação amorosa? Deixaremos, por enquanto, essa questão em suspenso, para ser retomada no final deste trabalho.

Ao longo dos *Três ensaios*, Freud se refere indistintamente à sexualidade e ao amor, como vemos quando usa a expressão híbrida “moções amorosas sexuais” (Freud, *Tres ensayos de teoria sexual*, VII, p 158). Mas já se perfilam, nesse texto, algumas idéias que serão centrais na teoria do amor, como a tendência a restabelecer uma relação originária, a supervalorização de partes corporais ou psíquicas do objeto e a idéia de ternura pelo outro. Essas noções, porém, tanto se referem ao amor como à sexualidade. A

tendência a restabelecer uma relação originária alude a um reencontro com um objeto sexual originário; a supervalorização sexual parte da excitação e do prazer ligados originariamente aos órgãos genitais e a ternura é uma forma de sexualidade inibida no seu fim.

Em 1907 Freud publica sua primeira análise sobre uma obra literária, *Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jensen*, que trata da história da paixão de um arqueólogo por uma figura feminina esculpida em pedra. O jovem arqueólogo Norbert Hanold se sente intensamente atraído por um alto-relevo descoberto numa coleção de antiguidades. A escultura representa uma jovem com um andar particular e Hanold a batiza de "Gradiva", – a jovem que avança – imaginando que devia ter pertencido a uma família nobre e convencendo-se de que devia ter vivido na antiga Pompéia (Freud, *El delirio y los sueños en la "Gradiva" de W. Jensen*, IX, p. 10). Hanold não pode deixar de fantasiar com a imagem da Gradiva. Por uma "sensação inefável" (idem, p 12), decide viajar à Itália, talvez para procurar as "pegadas" inconfundíveis que poderia ter deixado Gradiva nas cinzas de Pompéia. Vagando sem rumo pela cidade sepultada, Hanold encontra a Gradiva, iniciando um diálogo com a morta-viva e desenvolvendo todo o processo de desvendar o mistério.

Gradiva era Zoe, vizinha e amiga de jogos infantis. Essa íntima amizade infantil perdurava em Zoe como amor apaixonado. Hanold, entretanto, tinha reprimido essas impressões eróticas do passado. A atração inusitada pela escultura, que Freud interpreta como uma "cabal paixão amorosa, ainda que dirigida ao passado e ao sem-vida", se produz como um eco das lembranças infantis recalçadas. Zoe tinha, desde menina, esse andar gracioso e peculiar, o que torna o alto-relevo – que figura um andar semelhante – significativo e disparador do retorno das impressões infantis.

A paixão amorosa é resultado de um recalque de impressões eróticas infantis, que retornam como atração intensa por uma figura (nessa história, de pedra) que se associa àquelas impressões recalçadas. Freud reafirma, nesse texto, a idéia de encontro do objeto como "reencontro", embora percebamos uma mudança de tom; o que nos *Três ensaios* era descrito como objeto sexual, agora é descrito como objeto do amor apaixonado. Trata-se de um reencontro do objeto amoroso, que remete à infância do apaixonado e, metaforicamente, à infância histórica; às ruínas sepultadas de Pompéia.

Em 1910, nos ensaios agrupados com o nome de *Contribuições à psicologia do amor*, Freud abordará diretamente as "condições do amor" (Freud, *S. Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre*

(*Contribuciones a la psicología del amor, I*), XI, p. 159) pelas quais os homens de nossa cultura escolhem os objetos amorosos. Trata-se de três ensaios, que vão do particular ao geral, de um tipo particular de escolha de objeto no homem, passando por certas características da vida amorosa da época moderna em ambos os sexos, até chegar a uma interpretação, de uma perspectiva masculina, sobre o lugar ocupado pela mulher como outra, alheia e estranha.

O segundo ensaio, “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, aborda a impotência psíquica, generalizando-se essa afecção para os traços da vida amorosa do homem na cultura moderna. Freud contrapõe uma “conduta amorosa plenamente normal” (Freud, S. *Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor II)*, XI, p. 174) – na qual confluíam as correntes de ternura e de sensualidade, e diferentes graus de impotência psíquica – que se expressaria em vários modos de diminuição do prazer, em que a corrente terna e a sensual estariam cindidas.

Freud articula, no ensaio, as valorações do objeto (supervalorização ou depreciação) com as duas correntes da vida amorosa: a ternura e a sensualidade. Considera que

“(...) a corrente sensual, que permaneceu ativa, procura apenas objetos que não rememorem as pessoas incestuosas proibidas; se alguém causa uma impressão que pode levar à sua alta estima psíquica, essa impressão não encontra escoamento em nenhuma excitação sensual, mas numa ternura que não tem efeito erótico” (idem, p. 176).

Para a sensualidade poder se desenvolver plenamente tem que se desvincular dos objetos incestuosos proibidos (idem, p. 176-177) e, portanto, da supervalorização. Se a sensualidade se mantém ligada a esses objetos incestuosos, se produz a impotência psíquica. Quando um objeto é altamente estimado, esse traço o aproxima dos objetos amorosos infantis e, conseqüentemente, desperta sentimentos de ternura e limita o desenvolvimento da sensualidade. A vida amorosa moderna se separa, assim, em um amor “celeste” (Freud, S. *Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor II)*, XI, p. 174) e em um amor “terreno” (ibidem), o que produz uma tendência, nos homens, que consiste em que “quando amam não desejam, e quando desejam, não podem amar” (ibidem). O recurso masculino para se proteger da impotência psíquica e experimentar a sensualidade seria a depreciação psíquica do objeto

sexual, enquanto as mulheres, com o mesmo objetivo, utilizariam a condição do proibido, do clandestino.

Como entender essa alusão a homens que amam sem desejar e desejam sem amar, quando Freud vinha, até o momento, considerando idênticos os impulsos amorosos e os eróticos? Devemos entender essa distinção entre amar e desejar como uma diferença entre o amor e a sexualidade? Freud está descrevendo, como diz, um comportamento amoroso-sexual típico do homem moderno de sua época. “Amar sem desejar” alude ao amor terno, no qual o fim sexual foi inibido, ou porque a aspiração sexual se esgotou na sua repetida satisfação ou porque, sendo impossível sua realização, se abre mão do objetivo propriamente sexual.

Supomos que o modelo imaginário do amor sem desejo consiste no amor conjugal quando a paixão e o desejo sexual desaparecem, persistindo um sentimento de ternura. Não se trata, assim, de um amor contraposto ou radicalmente diferente da sexualidade, mas de um amor de origem sexual que inibiria sua finalidade originária. “Desejar sem amar” se refere a um outro tipo de amor, que Freud batiza também de amor sexual, em que a atração sexual não desperta a supervalorização própria do apaixonamento. Pensamos que o modelo, no homem⁵, seria o desejo sexual por mulheres depreciadas, geralmente de inferior condição, cujo protótipo é a sensualidade experimentada com prostitutas, na dupla moral masculina. Ambas correntes, quando separadas, se afastam do ideal amoroso, o “amor normal” (idem, p. 174), que corresponde ao apaixonamento romântico em que se integram desejo erótico e ternura.

Pensamos que a modalidade erótica do “desejar sem amar” – a corrente sensual sem ternura – permite, em certa medida, uma distinção entre amor e sexualidade. O amor deixa de ser equivalente à sexualidade, não porque o sentimento amoroso seja radicalmente diferente dela, mas porque é possível conceber o desejo sexual sem que se produza o efeito amoroso. Desse modo, na visão freudiana de 1912, o amor sempre remete à sexualidade, mas a sexualidade pode não remeter ao amor.

Como Freud trabalha com as noções de amor e pulsão sexual como equiparáveis, a correlação entre a satisfação amorosa e o aumento ou diminuição do seu valor é igualmente válida para a pulsão sexual. Assim, o valor psíquico de uma pulsão diminui quando é satisfeita e aumenta quando é frustrada. Isso leva Freud a levantar a possibilidade de que “exista algo na natureza da pulsão sexual desfavorável à realização da satisfação plena” (idem, p. 182). E esse caráter da pulsão se deveria a dois fatores: a) a

escolha de objeto acontece em dois tempos separados pela barreira do incesto, pelo que se perde o objeto originário da pulsão sexual pelo recalque, não podendo os objetos substitutivos satisfazerem totalmente. Em função disso, temos a inconstância na escolha de objeto, a “fome de estímulo”⁶ que caracteriza a vida amorosa; b) devido às exigências culturais, nem todos os componentes da pulsão sexual podem ser acolhidos na sua conformação ulterior, como, por exemplo, os elementos coprófilos ou sádicos, o que acarreta uma diminuição do prazer.

Quando Freud considera que existe algo da pulsão sexual desfavorável à plena satisfação, entendemos que desliza do registro da pulsão parcial para o registro da escolha do objeto sexual ou amoroso (indiferenciados). Ou seja, os motivos para a dificuldade de uma satisfação completa se referem à impossibilidade de um reencontro com um primeiro objeto e à impossibilidade da sexualidade “adulta” de integrar todos os componentes das pulsões parciais, o que não se aplicaria à satisfação das próprias pulsões parciais que, por si, não são integradas e não procuram objetos substitutivos de um objeto originário. Desse modo, a dificuldade da satisfação plena não seria uma propriedade da natureza da pulsão sexual parcial (ao menos não com essa argumentação) mas da escolha de objeto sexual ou amorosa do adulto.

Por outro lado, a prova/exemplo dessa insatisfação da pulsão sexual é constituída/o pela inconstância do amante com seu objeto sexual, pela variabilidade do objeto, que Freud contrapõe à relação harmoniosa do alcoólatra e sua bebida. Se pensarmos numa escolha sexual desprovida de amor, parece verificar-se essa variabilidade e inconstância de objeto. Podemos, nesse caso, aproximar a satisfação da sexualidade com a satisfação da fome, em que o valor da pulsão diminui quando é satisfeita, contrapondo ambas ao alcoólatra e seu vinho. Mas se pensarmos numa escolha sexual e amorosa, na paixão amorosa, a relação do amante com o objeto amado se aproxima mais da relação do ébrio e seu vinho, em que o “hábito reforça o vínculo” (idem, p. 181) e a inconstância de objeto não se verifica.

Em oposição à variabilidade do objeto sexual, encontramos, no ensaio sobre *O tabu da virgindade*, a noção de “servidão sexual”⁷, característica da mulher, que alude ao alto grau de dependência e heteronomia que cria a mulher virgem com o primeiro objeto que satisfaz seu “desejo de amor” (idem, p. 189). Assim, na mulher, a sexualidade não apresentaria a “fome de estímulo” com a decorrente inconstância de objeto, e a satisfação não provocaria uma diminuição do interesse no objeto, mas, pelo contrário, uma sujeição e dependência do mesmo. Entendemos que esses caracteres da

sexualidade feminina resultam da aliança indissolúvel, de tradição romântica, entre a sexualidade e o amor, o que impedia às moças virgens do início do século ter vínculos sexuais sem se apaixonar, criando, a partir do laço sexual, as relações de dependência do objeto próprias do apaixonamento e do alcoólatra.

Freud trabalha, no texto, com a equivalência entre a variabilidade de objeto e a não-satisfação plena e a constância de objeto e a satisfação. Pensamos que a constância e a dependência do objeto não têm por que implicar uma satisfação plena. Talvez o alcoólatra ou o toxicômano insistam na dependência de seus objetos, da mesma forma que se insiste na demanda amorosa ao objeto, porque nunca se consegue a satisfação desejada. No mesmo sentido, a contingência do objeto sexual não é prova de não-satisfação. Tanto podemos pensar que procurar novos objetos sexuais significa insatisfação como satisfação, da mesma forma que quem come pode querer outros pratos porque está insatisfeito ou porque, satisfeito, procura novas sensações na variação.

Recapitulando, vimos que quando Freud definia a dificuldade da pulsão sexual para atingir uma satisfação plena estava se referindo – mais do que à pulsão sexual parcial – à vida amorosa e sexual. O principal exemplo da impossibilidade da pulsão sexual para atingir uma satisfação plena – a variabilidade de objeto – se verificava em certos casos de sensualidade sem ternura, mas não correspondia ao registro do apaixonamento, onde encontrávamos uma constância e dependência do objeto, como o ébrio e sua bebida. Finalmente, tentamos desfazer a correspondência entre variabilidade de objeto e não-satisfação e constância e satisfação. Assim, embora o alcoólatra, o toxicômano ou o amante apaixonado sejam fiéis a seus objetos, isto não é índice, a nosso ver, de satisfação.

Entendemos que Freud, no período de 1905 a 1912, vai realizando aproximações teóricas relativas à vida sexual e amorosa moderna. Freud descreve o fenômeno amoroso em suas várias formas, da sensualidade à ternura, da paixão amorosa de Hanold pela Gradiva (Freud, *El delírio y los sueños en la "Gradiva" de W. Jensen*, IX) ao desejo sem amor dos homens modernos. Embora ainda não tivesse construído uma teoria da paixão amorosa, nem tivesse distinguido conceitualmente o amor e a sexualidade, há várias indicações que impedem de homogeneizar numa única categoria a variedade de sentimentos e aspirações descrita.

Tentamos, ao longo do texto, marcar alguns elementos que funcionaríamos como hipóteses para diferenciar a aspiração sexual do sentimento amoroso.

Guardamos, dos *Três ensaios*, a afirmação freudiana de que a pulsão sexual tem uma certa independência do objeto, enquanto o amor implica necessariamente um objeto. Essa indicação é valiosa, mas só estabelece uma diferença entre a pulsão parcial e a escolha amorosa/sexual, e não entre a escolha sexual e a escolha amorosa.

Depois abordamos a supervalorização sexual, considerando que o objeto amoroso é sempre um objeto sexual supervalorizado. Mas não sabemos se a supervalorização sexual permitiria distinguir amor e sexualidade, já que, por exemplo, no caso dos homens que “desejam e não amam” poderia haver supervalorização do objeto sexual, com superestimação de todos os atributos sexuais, sem que isto desperte sentimentos amorosos.

Apontamos uma maior ou menor distância imaginária da ternura e da sensualidade em relação aos objetos incestuosos, mas Freud deixa claro, nesses textos, que ambas, ternura e sensualidade, são expressões sexuais inibidas ou diretas.

A variabilidade ou a constância do objeto se apresenta, também, como um possível traço diferenciador da sexualidade e do amor. Assim, na análise da *Gradiva*, que Freud define como uma cabal paixão amorosa, encontramos um objeto amoroso constante, único, porque marcado de forma indelével por impressões pretéritas. Tentamos contrapor essa fixidez do objeto amoroso com a variabilidade do objeto sexual.

Entretanto, embora seja freqüente que a aspiração estritamente sexual (sem sentimento amoroso) leve a uma variação maior dos objetos que a aspiração amorosa ou a paixão amorosa, como no exemplo da *Gradiva*, ou nas propostas rousseauianas do amor romântico, nada impede de imaginar que um objeto desejado sexualmente – e não amado – seja duradouro, e que um objeto amoroso possa ser substituído diversas vezes. A relação amorosa não é garantia da persistência do laço, da mesma forma que o desejo sensual sem ternura não significa automaticamente variabilidade donjuanesca do objeto, como o próprio Freud diz quando se refere a homens que estabelecem relações duradouras com mulheres que desejam sem ternura (a amante duradoura) (Freud, “*Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa*”, p. 179). Estabelecer uma distinção entre amor e sexualidade dessa perspectiva equivaleria a dizer que, se o objeto é constante, se trata do amor e se varia, se trata da sexualidade, quando vimos que o objeto amoroso pode ser variável e o objeto sexual pode ser duradouro.

Dizíamos que era possível conceber o desejo sexual sem que se produza o efeito amoroso, o que implica pensar que o amor seria um “algo a mais”

que a pulsão sexual. Da mesma forma, quando considerávamos que o objeto amoroso consistia num objeto sexual supervalorizado, também apontávamos para um “algo a mais” do amor em relação à sexualidade. Isto nos remete à questão, que deixamos em suspenso, sobre a parcialidade pulsional e a totalidade amorosa, que Freud aborda explicitamente em *Pulsões e destinos de pulsão*. Nesse texto, em 1915, Freud faz uma diferenciação significativa, considerando que não pode conceber o amor como uma pulsão parcial da sexualidade entre outras, já que “o amar é a expressão da aspiração sexual como um todo” (Freud, *Pulsiones y destinos de pulsión*, XIV, p. 128). Reforçando essa distinção, acrescenta que os vínculos do amor, como os do ódio, “não são aplicáveis às relações entre pulsões e seus objetos, mas estão reservados à relação entre o eu-total e os objetos” (idem, p. 132).

A pulsão sexual é sempre parcial e o amor implica uma totalização, a constituição de um “eu-total” que ame e deseje sexualmente como um todo, e não por fragmentos desconexos. O amor pressupõe, como Freud já sugeria nos *Três ensaios*, a “representação global da pessoa amada”, mas, também, o sujeito do amor – quem ama tem que constituir ele próprio uma totalidade. Essa idéia remete diretamente à formação do eu narcísico que Freud teorizara um ano antes, na Introdução ao narcisismo. Para o sujeito poder amar a si mesmo, tornando-se um objeto de amor, tem que unificar de alguma forma a dispersão das pulsões auto-eróticas, constituindo uma unidade egóica.

O amor se contraporía, desse modo, à sexualidade, que é sempre parcial. O amor deixaria de ser equivalente à pulsão sexual, porque quem ama só pode ser um sujeito ou um eu-total, irredutível à parcialidade pulsional. Da mesma forma, o objeto amoroso não poderia ser reduzido ao objeto parcial da pulsão, implicando sempre a idéia de totalidade, de pessoa. Encontramos, finalmente, um critério válido para distinguir teoricamente sexualidade e amor?

Quando Freud diz que o amor pressupõe uma totalidade, está se referindo a uma condição para o sentimento amoroso, que só pode ser sentido por alguém, um sujeito ou um eu, implicando, portanto, a integração egóica. Contudo, a escolha do objeto sexual na puberdade e na vida adulta também pressupõe uma totalidade egóica e a representação global da pessoa desejada. Tanto a escolha do objeto sexual como a escolha do objeto amoroso implicam a participação de um eu-total e são irredutíveis à parcialidade pulsional.

Entendemos que o critério da parcialidade e da totalidade aponta para a distinção entre a sexualidade parcial (predominantemente infantil, mas também adulta) e a escolha do objeto sexual. Pensamos, nesse sentido, que a

aspiração sexual (no exemplo dos homens que desejam e não amam) não é necessariamente parcial. Deseja-se o corpo do outro por inteiro, embora algum traço específico possa ser mais valorizado que outros, ou até ser o disparador da aspiração sexual. Logicamente, podemos pensar um jogo da sexualidade sem referência a uma escolha de objeto erótico, no qual só se desejaria a satisfação das pulsões parciais, cujos fetiches e fantasias são amplamente explorados pela indústria da pornografia. Num sentido inverso, a aspiração amorosa, que desejaria a fusão com a pessoa amada e, portanto, é definida como totalizante, também poderia privilegiar um atributo moral da pessoa amada, e até tornar esse traço “parcial” o elemento desencadeante do sentimento amoroso.

Dizer que se deseja alguém sexualmente pela “covinha” do seu sorriso, ou pelo jeito singular de andar – e esses são o tipo de exemplos mais usados psicanaliticamente para se referir à parcialidade sexual – não significa, a nosso ver, que a aspiração sexual seja parcial, já que a partir desses aspectos, quase inapreensíveis, quando há uma escolha sexual, se deseja o objeto como um todo. E por outro lado, dizer que quando se ama é impossível separar aspectos parciais, porque se ama a pessoa total, não significa, na nossa compreensão, que não sejam privilegiados certos caracteres, também quase indefiníveis, sem os quais não se produziria o fenômeno amoroso.

Desse modo, entendemos que o critério da parcialidade e da totalidade, embora permita distinguir a sexualidade parcial da escolha sexual ou amorosa, não serviria como critério para diferenciar teoricamente sexualidade e amor.

Poder-se-ia argumentar que é artificioso tentar estabelecer uma distinção entre dois fenômenos que só se apresentam intimamente vinculados, mutuamente interdependentes, e que o próprio Freud fundirá finalmente no Eros, onde se tornam inseparáveis pulsão sexual e amor. No entanto, a junção da sexualidade e do amor corresponde a uma modalidade amorosa historicamente constituída, o apaixonamento romântico, que teve seu auge no século XIX, embora continue até nossos dias como a imagem idealizada do “verdadeiro amor”. Entendemos que não há uma natureza do amor que o ligue intrinsecamente ao desejo sexual, como não há uma essência da sexualidade que a articule necessariamente ao amor. O congelamento do amor e da sexualidade numa única via possível de realização não diz respeito à natureza do amor ou da sexualidade, mas a padrões culturais.

O amor, como diz Costa, “foi inventado” e “nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza” (Costa, 1998, p. 12). Desse

modo, distinguir teoricamente sexualidade e amor seria um passo no intuito de reconhecer a diversidade de eventos⁸ subjetivos próprios do ser humano, abrindo a possibilidade de abordar e recriar novas imagens amorosas.

Pensamos que na obra freudiana se verifica um descompasso entre as teorizações metapsicológicas sobre o amor e suas descrições clínicas. Quando Freud aborda clinicamente o fenômeno amoroso, se refere a aspirações sexuais que não são amorosas, e a amores que não se atrelam, ao menos descritivamente, ao desejo sexual. Embora a imagem de referência da teorização freudiana seja o apaixonamento romântico, seus relatos clínicos e suas descrições da vida amorosa moderna mostram uma pluralidade amorosa que ultrapassa esse modelo, referindo-se a amores ternos e apaixonados, a amores celestiais e terrenos etc.

Entretanto, quando Freud constrói a metapsicologia do amor, deriva o amor – seja por sobrevalorização ou por totalização – da pulsão sexual. A sexualidade aparece como um fundamento científico, material, dos evanescentes fenômenos amorosos. Embora a noção de sexualidade se amplifique para abranger todos os fenômenos susceptíveis de produzir prazer, se expandindo nas zonas erógenas corporais e nas atividades sublimadas, ela tem como modelo de referência o coito genital orgástico⁹. O amor se apoiaria na materialidade corpórea do sexo, base da sexualidade, tendo, desse modo, uma abordagem “científica”. Nesse sentido, C. H. Ferraz (Ferraz, 1996) analisa como a psicanálise pode construir uma teoria sobre a causalidade sexual da subjetividade por conta do mito sexualista do final do século XIX. Segundo o autor, só num imaginário saturado pela idéia de sexualidade, no império do sexo-rei ocidental (Foucault, 1985), foi possível conceber uma teoria genética sexual, encontrando na sexualidade um fundamento último dos fenômenos psíquicos. A tentativa de encontrar um fundamento material e objetivo de todos os fenômenos era um dos pilares do espírito científico-positivista da época, e Freud não foge dessas exigências científicas.

Que critérios teóricos poderíamos utilizar, então, para diferenciar sexualidade e amor? Pretendemos levantar uma hipótese provisória, partindo da descrição freudiana do amor como um sentimento, lançando mão das tradicionais categorias de sentimento e de sensação. Em *Pulsões e destinos da pulsão*, o amor, da mesma forma que o ódio, é considerado um sentimento (Freud, *Pulsiones y destinos de pulsión*, XIV, p. 128), mas seria estranho, para a psicanálise, definir a sexualidade como um sentimento.

Podemos distinguir, na teoria freudiana, sentimento e sensação, embora essas noções sejam imprecisas e muitas vezes não se diferenciem. Porém,

não encontramos nos textos freudianos, nem é usual na linguagem corrente, as expressões “sensação amorosa” ou “sentimentos de prazer”. Para Freud, o paradigma do sentimento é o amor – ou o ódio – e o protótipo de sensação é a categoria de prazer e de desprazer.

O sentimento resulta da totalização egóica e do estabelecimento de uma relação de objeto com o mundo, o que aponta para uma forma de afeto mais elaborado e construído. Ninguém duvida, na psicanálise, do caráter lingüístico dos sentimentos, que são indissociáveis dos enunciados que os distinguem. Como diz P. Aulagnier, seria um absurdo falar de sentimentos puros, que não possam ser nomeados (cf. Aulagnier, 1979, p. 48-49).

O uso do termo “sensação” remete geralmente ao percebido pelos órgãos sensoriais ou à percepção interna de estratos profundos do aparelho anímico (Freud, *El yo y el ello*, XIX, p. 23). A noção de sensação, apesar de sua proximidade com o corporal – e daí as expressões “sensação de dor”, “sensação de fome”, “sensações corporais de angústia” – alude ao diferencial prazer / desprazer, não podendo ser reduzida ao registro do orgânico. Portanto, expressões como “sensações corporais desprazerosas” são ambíguas e precisam ser decompostas, já que a sensação é percebida como tendo origem no corpo, e nesse sentido é chamada de corporal, mas o efeito de desprazer é necessariamente da ordem psíquica. Nesse mesmo tipo de exemplos, poderíamos pensar nas sensações de prazer sexual.

As sensações de prazer / desprazer, base do princípio do prazer que rege o aparelho psíquico, são concebidas, na primeira tópica, em termos estritamente econômicos. Enquanto o desprazer corresponde ao aumento de tensão, o prazer se relaciona com a diminuição da mesma, tratando-se de variações meramente quantitativas. Porém, o movimento do desejo sexual, por exemplo, implica um aumento de excitação e não por isso produz a sensação do desprazer. Desse modo, em 1924, reformula-se o ponto de vista quantitativo, propondo Freud um critério qualitativo (Freud, *El problema económico del masoquismo*, XIX, p. 166) para distinguir prazer e desprazer. As sensações seriam, assim, as unidades mínimas qualitativas registradas como prazer ou desprazer, correspondendo às vivências mais básicas na constituição do psiquismo.

Embora algumas leituras considerem que as sensações, diferentemente dos sentimentos, são formas primitivas de afeto, anteriores e externas à linguagem, entendemos que quando Freud propõe um critério qualitativo para distinguir as sensações de prazer e desprazer, está apontando para uma idéia de marca ou sinal diferencial, que remete necessariamente à linguagem. Os

famosos trabalhos de Wittgenstein sobre a sensação de dor mostraram como as sensações só podem ser percebidas como tais lingüisticamente, não sendo possível um conhecimento das sensações de forma “pura”, extralingüística¹⁰. O conceito e o reconhecimento da sensação não surgem da vivência particular, mas da linguagem pública, intersubjetiva. Wittgenstein afirma: “Você aprendeu o conceito de dor com a linguagem” (Wittgenstein, 1994, p. 160). Isso não exclui que possa haver uma vivência privada, singular, que varie de pessoa para pessoa. Mas à medida que esse aspecto da sensação existe independente da linguagem, não tem como ser percebido e reconhecido, não tem como ter existência cognitiva. Nesse sentido, Wittgenstein considera que a sensação vivida, interna, embora não possa ser considerada nada, presta os mesmos serviços que um nada, já que é “algo sobre o qual nada se pode afirmar” (Wittgenstein, 1994, p. 304 e Faustino, 1995, p. 105). Assim, tanto os sentimentos quanto as sensações implicam a idéia de qualidade e, portanto, um caráter lingüístico.

No livro *Sem fraude nem favor*, Costa sugere algumas coordenadas para diferenciar conceitualmente sentimento e sensação, trabalhando a hipótese de que o amor nasceu na “Era dos Sentimentos” e hoje, na “Era das Sensações”, tende a agonizar. Desconstruindo a imagem do amor romântico como ideal amoroso viável, Costa afirma que, nos dias atuais, “vivemos numa dupla moral: de um lado, a sedução das sensações; de outro, a saudade dos sentimentos” (Costa, 1998, p. 21). Em função dessa idéia, propõe distinguir sentimento e sensação, advertindo-nos que essa classificação está longe de ser consensual (idem, p. 209). As sensações se referem principalmente a respostas mentais a estímulos corporais, geralmente irreflexivas e automáticas, enquanto os sentimentos implicam respostas reflexivas e de maior complexidade lingüística. Os sentimentos são hábitos afetivos construídos pela prática da intimidade e da introspecção, relacionados geralmente a valorações morais.

As sensações são reguladas pelo trinômio dor, prazer e desprazer, e são reconhecidas com ajuda de indicadores corporais. Os sentimentos não remetem à dor, prazer ou desprazer, mas a sofrimento, satisfação ou gozo¹¹, e prescindem das referências corporais para serem reconhecidos. Os sentimentos correspondem a sentimentos de uma pessoa “fantasiada, sobretudo, como sujeito moral” (Costa, 1998, p. 211 – em aspas no original) e as sensações, embora mentais e lingüísticas, correspondem a um sujeito “fantasiado como sujeito corporal” (ibidem – em aspas no original). Desse modo, a satisfação sentimental difere da satisfação das sensações, podendo “o eu

moral (...) se satisfazer com aquilo que deixa insatisfeito o *eu corporal* ou com o que nada tem a ver com prazeres sensoriais” (ibidem). No romantismo amoroso, por exemplo, a formação sentimental incluía renúncias, devaneios, esperas e projetos a longo prazo que não havia como confundir com o prazer das sensações (cf. ibidem).

Outra hipótese para distinguir sentimentos e sensações, própria da linguagem ordinária, é de ordem temporal. O sentimento pressupõe uma certa duração temporal, implicando a idéia de afeto estável, de “projetos emocionais em longo prazo” (ibidem, p. 214). A sensação, ao contrário, talvez por sua referência corporal, é de mais curta duração. As sensações de prazer ou desprazer são efêmeras, diferentemente dos sentimentos de amor, sofrimento etc., que parecem ter uma outra forma de construção e apreensão por parte do eu, que implica uma certa permanência temporal.

Com base nessa distinção conceitual, podemos levantar uma hipótese para diferenciar o amor e a sexualidade, fazendo corresponder o amor ao sentimento e a sexualidade à sensação¹². Amor e sexualidade seriam, continuando com o vocabulário wittgensteniano, dois “jogos de linguagem”¹³ diferentes, com suas regras próprias. A sexualidade seria um jogo de linguagem que diria respeito às sensações que remetem ao corpo, enquanto o amor seria um jogo de linguagem que diria respeito aos sentimentos do sujeito moral, não incluindo necessariamente a esfera corporal.

Do ponto de vista do objeto visado, podemos considerar que no amor se idealiza o outro pelos atributos morais, pelos valores e qualidades de pessoa. Deseja-se a união com a pessoa amada, mas essa união pode ser pensada como o reconhecimento mútuo enquanto sujeitos morais, como “comunhão de almas”, o que não implica necessariamente sensações corporais prazerosas. A pessoa amada pode ser idealizada, usando a imagem platônica, como um ser que nos “completa”, mas essa completude imaginária não alude a uma fusão carnal – ao coito genital, que tampouco garante a imaginária completude – mas a uma integração identitária.

No jogo de linguagem da sexualidade, que é da ordem da sensação, deseja-se o corpo do outro pelas suas qualidades físicas. O outro é idealizado como fonte de sensações eróticas, de prazer sensorial. Também podemos recorrer à imagem aristofânica e dizer que o outro é idealizado como alguém que nos completa, mas com um sentido diferente ao jogo do amor. A completude sexual se refere à comunhão erótica, à troca harmoniosa de prazeres sensuais, podendo prescindir o objeto sexual dos atributos da pessoa, dos valores e qualidades do outro enquanto eu moral.

Do ponto de vista da satisfação almejada, podemos considerar que no amor se procura “ser amado”, ou seja, ser reconhecido como objeto do sentimento amoroso, ser valorizado como pessoa moral. Na sexualidade, a satisfação desejada é o prazer sexual, as sensações prazerosas cuja fonte é o corpo erógeno e cujo ápice é o orgasmo. Pensamos que a satisfação amorosa consiste na fantasia de ser amado, enquanto a satisfação sexual consiste na imagem do prazer erótico obtido¹⁴.

Se o sentimento e a sensação se distinguem também por uma questão temporal, o amor tenderia a ter uma consistência e uma persistência temporal maiores que o desejo sexual. Por essa via podemos chegar à conclusão de que a sexualidade/sensação é mais momentânea e parcial, enquanto o amor/sentimento é mais global e totalizante, retornando a duas hipóteses que havíamos questionado e descartado: a hipótese da variabilidade do objeto sexual contraposta à constância do objeto amoroso, e a hipótese da totalidade amorosa contraposta à parcialidade pulsional. Entretanto, a parcialidade e a totalidade não se referem agora a elementos integrantes de uma unidade ou de uma totalidade corpórea ou egóica, que estariam no registro da “espacialidade”, mas ao registro da “temporalidade”. Assim, por exemplo, o sentimento amoroso romântico é mais global que as sensações sexuais, porque abrange um período de tempo maior, um projeto de longa duração – até uma história de vida – que inclui variadas sensações momentâneas, prazerosas e desprazerosas.

Defender a hipótese de uma distinção entre amor e sexualidade, fazendo corresponder amor a sentimento e sexualidade a sensação, não significa que esses jogos de linguagem não se combinem e se entrelacem em graus variáveis nas práticas amorosas atuais. Na paixão romântica, por exemplo, a satisfação amorosa e a satisfação sexual se tornam praticamente inseparáveis, o que se relaciona com o ideal de felicidade romântica. Entretanto, a ênfase nessa distinção aponta para pensar que, sendo dois jogos de linguagem diferentes, podem funcionar separadamente, o que se torna cada dia mais habitual no mundo atual, principalmente o jogo da sexualidade sem satisfação amorosa. Entendemos que descrever esses jogos, aceitando sua diversidade e positividade, constituiria uma tentativa de imaginar e legitimar novas modalidades amorosas e sexuais, no intuito de recriar as “formas de vida”.

Referências Bibliográficas

- AULAGNIER, P. *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BREUER, J. "Parte teórica" de Estudios sobre la histeria (Breuer y Freud). In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1987, v. 2.
- COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DAVIDSON, D. *Filosofia de la psicología*. Barcelona: Anthropos, 1994.
- _____. *Mente, mundo y acción*. Barcelona: Paidós, 1992.
- DELGADO, P. L. *Introducción a Wittgenstein: sujeto, mente y conducta*. Barcelona: Herder, 1986.
- FAUSTINO, S. *Wittgenstein, o eu e sua gramática*. São Paulo: Ática, 1995.
- FERRAZ, C. H. *Sexualidade e desamparo*. 1996. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FREUD, S. "El tabú de la virgindad": contribuciones a la psicología del amor, III. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.11
- _____. El delirio y los sueños en la "Gradiva" de W. Jensen. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.9.
- _____. "Historiales clínicos": estudios sobre la histeria. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.2.
- _____. "Las neuropsicosis de defensa". In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.3.
- _____. "Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa" In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.3.
- _____. El problema económico del masoquismo. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.19.
- _____. "Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa". In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.11
- _____. "Tratamiento psíquico (tratamiento del alma)". In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.1
- _____. El yo y el ello. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.19.
- _____. Pulsiones y destinos de pulsión. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.14.
- _____. Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa: contribuciones a la psicología del amor II. In: _____. *Obras completas*.

- Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.11
_____. Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre: contribuciones a la psicología del amor, I. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.11.
_____. Tres ensayos de teoría sexual. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. v.7.
RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
WINNICOTT, D. W. Preocupação materna primária. In: *TEXTOS selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOTAS

- 1 Professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/UFRJ.
- 2 Todas as referências aos textos freudianos correspondem à edição de 1988 das *Obras completas*. Doravante, só mencionaremos o texto, o volume e a página.
- 3 Embora Breuer utilize nesse texto o termo “pulsão sexual”, o conceito de pulsão ainda não tinha sido teorizado, o que só aconteceria em 1905.
- 4 Embora consideremos que a relação de amor, nesse paradigma, não derive da satisfação sexual, não podemos excluí-la da descrição freudiana.
- 5 “Desejar sem amar” seria, a nosso ver, uma modalidade erótica propriamente masculina. As mulheres, no início do século, dificilmente desejariam sem amar, porque com o peso histórico da repressão sexual, só canalizariam os desejos eróticos em algumas das formas instituídas do amor romântico.
- 6 Em aspas no original, já que é um termo de Hoche e Bloch (FREUD, op. cit., p. 182).
- 7 Freud toma esta expressão de Von Krafft-Ebing (FREUD, “El tabú de la virgindad”, *Contribuciones a la psicología del amor*, III, XI, p. 189).
- 8 Davidson se refere, da perspectiva do pragmatismo lingüístico, a eventos mentais, que são também eventos físicos sob outras descrições, sustentando uma particular posição monista. Um evento subjetivo é um “particular” e não um “universal”. A noção de “evento”, em contraposição à regularidade ou constância da idéia de “estado”, ressalta o caráter diversificado e imprevisível desse fenômeno. Sobre a noção de evento, consultar DAVIDSON (1994 e 1992).

- 9 Muitas leituras da psicanálise enfatizam a ruptura da noção de sexualidade com a função sexual biológica, contrapondo o caráter cultural e lingüístico da sexualidade com a natureza biológica. Do ponto de vista do pragmatismo lingüístico, questiona-se a distinção cultura/natureza, considerando que práticas lingüísticas - como a sexualidade - são também fenômenos naturais. Sobre isto, consultar RORTY (1995, Parte III) e COSTA (1998, p. 15-16). Em relação à construção da noção freudiana de sexualidade, Ferraz analisa como Freud toma como regra básica para definir a sexualidade ampliada a relação genital acompanhada por orgasmo. Partindo dessa referência, classificam-se como sexuais todas as manifestações “análogas nas regras de ação e nos efeitos ao coito genital orgástico”. Sobre isto, consultar FERRAZ (1996).
- 10 Sobre isto, consultar WITTGENSTEIN (1994) e FAUSTINO (1995).
- 11 Essa distinção entre dor, prazer e desprazer, de um lado, e sofrimento, satisfação ou gozo, do outro, é de autoria de Scheler, referida a estados emotivos e sentimentos primários. Costa recria essa imagem em relação a sensações e sentimentos. Sobre isto, ver COSTA (1998, p. 208).
- 12 O desenvolvimento dessa hipótese encontra-se, de forma resumida, no artigo de nossa autoria, “Fragmentos do discurso amoroso freudiano”, publicado pelos *Cadernos de Psicanálise da SPCRJ*, v. 16, n. 19, 2000.
- 13 “Jogos de linguagem” referem-se à multiplicidade de práticas humanas inseridas no contexto social. A idéia de jogos de linguagem se opõe a uma visão representativa da linguagem, enfatizando que as práticas lingüísticas são ações. Opõe-se também à idéia de uma essência da linguagem, ressaltando a diversidade de usos em que a linguagem pode estar presente na interação humana. Sobre isto, consultar WITTGENSTEIN (1994, itens 66-67) e DELGADO (1986).
- 14 Estas descrições referem-se, sem dúvida, aos jogos do amor e da sexualidade no mundo moderno. Entendemos que é necessário um trabalho de redescrição desses jogos, o que forma parte de uma pesquisa em andamento, para abordar a questão das novas práticas amorosas e sexuais na contemporaneidade.

ABSTRACT

Reflections on the distinction between love and sexuality in Freud's first topic

This article discusses the notions of love and sexuality in the first topic, attempting to demonstrate Freud's drawbacks in distinguishing such notions metapsychologically. Considering that Freud did not establish a sufficient theoretical criterion to make this distinction, we propose to consider love and sexuality based on Wittgenstein's terminology, as two different language games, linking these notions to the traditional categories of feeling and sensation.

Keywords: Love; Sexuality; Drive.

Recebido em: 05/11/2001

Aprovado em: 17/01/2002